

# Por que morrem os partidos

Noenio Spinola

Nada me impressionou tanto ultimamente quanto assistir aos depoimentos de alguns líderes empresariais na subcomissão do deputado Fernando Gasparian na Constituinte e ouvir as perguntas de parlamentares presentes. Duvidei, pelo ar das pessoas, se elas estariam realmente escutando o que os convidados falavam. Tive a certeza depois, quando partiram para as perguntas. Em lugar de perguntas, houve minicomícios, e, quando as respostas vieram, os parlamentares começaram a falar entre si. Não queriam respostas. Seus clichês já estavam impressos há muito tempo dentro da cabeça e no fundo do coração.

Sai dali e fui conversar na sala do deputado Marcelo Cordeiro, que conheci em Moscou, quando engatinhava na carreira, durante uma visita do Congresso brasileiro à URSS, promovida por Flávio Marçilio. Trocamos lembranças: eu tinha ficado muito impressionado pelas perguntas do deputado Marcelo Cordeiro a representantes do Soviète Supremo, no Kremlin, em um dia claro e cheio de sol, sobre o sistema de votação de leis na URSS. A última vez que assisti a uma dessas sessões, onde tudo passou por unanimidade, peguei um binóculo emprestado com o correspondente do *New York Times* para olhar mais de perto o rosto da velha liderança do Politburo. Brejnev estava no fim, e alguma coisa naquele país sofreria um solavanco.

As perguntas do deputado Marcelo Cordeiro partiram naturalmente de alguém que não teve o tempo suficiente, ao longo de uma viagem meteórica que os levou do norte para o sul, de Moscou para o Cáucaso e de volta em poucos dias, para perceber como aquela sociedade estava mudando ou poderia mudar. Sua pergunta sobre o sistema de votação das leis no Parlamento pode ter parecido ingênua ou inoportuna. Por isso mesmo, a reunião foi abreviada. Tão rápido quanto puderam, os encarregados do protocolo passaram a outro ponto da agenda de visitas. Que tal ver os ícones maravilhosos da Praça das Catedrais ou o Museu de Armas do Kremlin? Foi-se a delegação, ficaram as perguntas.

As mudanças do "camarada" Gorbachev, procurando vencer a inércia do monolito partidário, funcionam como uma espécie de absolvição para o que carreguei durante algum tempo como uma quase culpa profissional: teria eu, nos tempos de correspondente na Rússia, assimilado demais o criticismo europeu e americano ao sistema comunista, perdendo a visão da realidade daquele país? O reformismo da era Gorbachev está aí, e o centro dos problemas é a resistência do monolito partidário comunista às reformas. Sim, os partidos envelhecem. E alguns envelhecem precocemente.

Considerando-se a forte tendência de esquerda que

perambula nos corredores da Constituinte, não seria o caso de se questionar a vitalidade das idéias e dos princípios que estão orientando esses segmentos? Será que a esquerda brasileira não está sofrendo de uma espécie de esclerose partidária precoce, ao se fechar em redomas e tentar desesperadamente manter o monopólio da verdade?

Exemplo de envelhecimento precoce é a pergunta partida de um deputado para um dos empresários que foram depor na comissão do Sr Gasparian, que conheci como um jovem nacionalista tentando tocar a América Fabril. O empresário citou o caso da privatização da Saint Gobain (uma das maiores empresas francesas, estatizada pelo governo socialista) como um exemplo de abertura e de nova "atitude" de governos europeus afluentes. Foi o bastante para que o parlamentar pichasse a privatização como "reacionária", porque foi promovida pelo governo de direita do Sr Chirac. O empresário respondeu com uma pergunta: O que diria o parlamentar sobre os dois e meio milhões de acionistas que compraram as ações da empresa? Eram dois e meio milhões de reacionários e empedernidos direitistas? Muito a propósito, há o caso de uma empresa estrangeira no Brasil que recentemente esbarrou nas resistências do Governo ao seu plano de passar 10% das ações para os empregados (brasileiros, diga-se de passagem). Era um convite a participar no risco, em vez do comodismo da participação apenas no lucro. Por acaso o risco das empresas não é também o risco dos empregados?

Conceitos como os de democracia e socialismo talvez devessem ser mais dinâmicos entre nós. Um estudo mais detalhado do eurocomunismo e dos fracassos da esquerda européia também seria útil para nós nossos intelectuais, todos eles preocupados com a preservação de conquistas democráticas que não ficarão de pé se o produto for a pasmaceira econômica que se implantou no país. Com a agravante da intolerância nos debates e a falta de mensagens para a classe operária.

Boa parte da confusão política decorre do baixo nível de entendimento dos problemas de gerência e dos mecanismos que podem tornar a classe empresarial mais produtiva, menos vulnerável à corrupção e socialmente mais responsável, em lugar de mais dependente da burocracia. Faz muito tempo que os países socialistas recuperaram o lucro como melhor medidor da eficiência e da produtividade. Está faltando uma sociologia de por que nos desviamos da convergência que deveria existir entre empresa e sociedade no Brasil, ou entre capital e trabalho, que está na raiz das reformas econômicas dos países com maior tradição democrática no mundo contemporâneo e instituições parlamentares mais sólidas, como a Grã-Bretanha e a França. O isolamento intelectual diante desses fenômenos e dos exemplos externos pode resultar em esclerose acelerada. O Brasil, definitivamente, não é uma ilha.